

1º Lugar

**PRÊMIO FACULDADE DE LETRAS
PROFESSOR PLÍNIO CARNEIRO
PSEUDÔNIMO: IAURETÉ**

UMA QUARTA-FEIRA ANTIGA

Antenor Pimenta Madeira

**Curso de Engenharia Mecânica —
Escola de Engenharia**

OS TRÊS BURRICOS

Por estradas de montanha
vou: os três burricos que sou.
Será que alguém me acompanha?

Também não sei se é uma ida
ao inverso: se regresso.
Muito é o nada nesta vida.

E, dos três, que eram eu mesmo
ora pois, morreram dois;
fiquei só, andando a esmo.

Mortos, mas, vindo comigo
a pesar. E carregar
a ambos é o meu castigo?

Pois a estrada por onde eu ia
findou. Agora, onde estou?
Já cheguei, e não sabia?

Três vezes terei chegado
eu — o só, que não morreu
e um morto eu de cada lado.

Sendo bem isso, ou então
será: morto o que vivo está.
E os vivos, longe vão?

(João Guimarães Rosa)

— Engraçado, uma vez o padre disse esta mesma coisa. Falou para mim à guisa de conselho, como você está fazendo. Até trouxe aqui uma velha; ele mesmo pagou o dinheiro que ela cobrava. Chamava-se Maria Fininha e morava na zona. Era feia, meu Deus! Não se parecia nada com a outra. Senti raiva dela, a velha meretriz. Xinguei muito, e a coitada saiu correndo, com medo. O padre faltou me crucificar e disse que vou acabar morrendo à míngua e de solidão. No fundo, não deixa de estar com a razão. Estou cada vez mais sozinho. Além do padre e do coveiro, você é o único que me aparece nestes últimos anos. Os meninos costumam aparecer, mas só posso ouvir a pancada das pedras e a algazarra que armam pelo terreiro. Jogam pedras no telhado, janelas e paredes.

O padre se cansa de mim às vezes. Então, ralha muito e me manda rezar. Quando está mais calmo, pede que eu conte tudo, assim como estou fazendo para você. Ouve tim-tim por tim-tim, cabisbaixo, meditando. De uma hora para outra, levanta e sai, como se não houvesse ninguém aqui. Sai sem ouvir o resto. Parece que tem uma pancada, mas no fundo é bom. É bom. Se não fosse por ele... É bom ter alguém ouvindo. E como diz o padre, fico menos só. Por isso, vem me ouvir, às vezes... Na verdade, deixe ver,... Não, não sou sozinho assim. Afinal de contas, a lembrança dela ficou sendo minha companheira eterna. (As bananeiras sopram no vento um barulho de mulher nua correndo no labirinto das folhas e cachos verdes, e transcende o Reino das Goiabeiras).

Porque fui ter queda logo por ela, hem? Sim, havia moças que podiam até se casar comigo. Entretanto, tudo foi uma espécie de cegueira e não consegui deixar de gostar. Não houve outra. Nem há. E minha Mãe era má comigo, só queria saber daqueles



homens... E se eu nem tivesse nascido? Será que o caso teria deixado de existir também ou outro iria nascer e tudo tornava a acontecer da mesma forma?

Fui um menino assim meio guardado. Dentro de mim era como se chovesse sempre (e chove e chove e chove torrencialmente). Aquela umidade me queimava. Que eu me lembre, desde sempre gostei dela e desde sempre chovia. Para ficar sozinha em casa, depois do desjejum, pedia ao Cego Teófilo para que me levasse em suas andanças, ia servindo de guia e ele pedia esmolas. Andávamos o dia inteiro pelas ruas da cidade e acontecia também de irmos pelas fazendas aqui perto de Santa Maria. Lá o Cego Teófilo ganhava muitas coisas, mesmo que não fosse dinheiro. Ele achava ruim quando o que recebia não era dinheiro. Gostava apenas das moedas e das cédulas. Muitas vezes mandava jogar fora uns troços que ganhava. Fazia que jogava e deixava escondido para depois buscar e vender. De vez em quando, roubava umas moedas dele também. Só que ele era vivo e descobria sempre. Adivinhava com exatidão o que tinha sido tirado. Se estava nas luas, dizia a Mãe que me batesse. Outras vezes, jogava a bengala ao-deus-dará; eu fingia choro e o Cego ficava pensando que tinha acertado em mim. Só que depois eu ria, escondido. Homem ruim, aquele... Mãe tinha coisas com ele, achava bom quando ele vinha. Nunca gostei de guiar o Cego; ele era preto. Preto. Tenho ódio de lembrar. Os dois diziam muita besteira quando se viam a sós.

Minha Mãe era má. Só pensava naqueles homens. Vi, vi por muitas vezes... vi de enxergar tudo à luz da lamparina. (A figura nua entra na primeira série de corredores do labirinto e a chuva adentra o universo do quintal). A luz amarela da lamparina que alumia o quarto me mostrava tudo. Debaixo das cobertas, ouvindo os gritos dela, tremia de frio e medo. Achava que ia morrer. Depois ela começava dando risadinhas sufocadas. Agora me vem esta gana de recordá-las, tão infernais eram. Ficam martelando minha cabeça, sem querer ir embora. Por que essas coisas ruins afloram dentro da gente? Eu dormia mordendo a coberta entre os dentes. Mãe só ia dormir quando os galos principiavam a cantar.

Não, não fazia nada. Durante o dia, se embelezando ou costurando roupas com os panos que eles traziam. Vivia de boneca. Quando foi embora, levou caixotes e canastras cheias de roupas. Mas deixou aqui um vestido que era o mais bonito. Está no baú.

Você viu a máquina de costura na sala? É muito antiga. Aquela foi o Cabo Anatório quem deu. Imagine, chegaram a dizer que Cabo Anatório era meu pai! Mas o padre garantiu que não era. Meu pai, disse o padre, morreu antes de eu ter nascido. Morreu matado, por questões de uma dívida. Daí, minha Mãe ficou desse jeito.

Pode acreditar, ficar entrevado não é o pior. Ruim é a ausência... Ah, quantas vezes a vi, aí nessa cadeira, onde você está, costurando os costumes ousados que usava. Se espetava o dedo com a agulha, lá ia eu, menino ainda, chupar a gota de sangue que lhe brotava. Sugava o mel do dedinho machucado com lentidão... Saboreava a gota. Certa vez, fiquei quase um dia inteiro sem engolir nada, nem água bebi para não tirar o gosto bom do dedinho. Não, você nem pode imaginar... o pior não é não poder me levantar. Por falar nisto, digo uma coisa: dificilmente sinto dores no corpo. Muito raramente um comichão me belisca as costas. Entretanto, se isso acontece, não demora a passar. Nos primeiros tempos, tive bolhas d'água. Era de tanto ficar na mesma posição. Passou; o couro está mais curtido, mais calejado.

Pode abrir a janela, você ainda não se habituou ao mau cheiro. Aqui venta muito, pois o lugar é alto, e, não demora, você vai se sentir menos mal. No início, o padre também ficava assim, meio sufocado, murmurando consigo. Bom sujeito, o padre. Mas é bravo, irascível. Zanga muito, diz para eu orar constantemente. Segundo ele, a cura está na oração, e que não sou doente do corpo. Rezo, mas reza branda, sem muita consistência. Murmúrio de oração, quase. E conheço tão poucas. O padre nem sabe... De qualquer forma, devo ser a pedra do sapato dele, coitado. Mas, diga, o modo e maneira de amar não deve ser uma opção individual? Ele, às vezes, conta histórias das Sagradas Letras. Algumas gosto de ouvir. Contou o que

versa no Pentateuco sobre a destruição de Sodoma e Gomorra. Lot, embriagado de vinho... o nascimento de Moab e Amon. Você entende, não é? O caso de Lot; e o vinho; e as filhas... É tudo um misto de céu e terra, nuvem e água, vapor, fogo, chuva e saudade. A umidade branda, ora perversa cá dentro (e chove e chove). Eu, você vê, não sou mau. O pior é que todo homem mente. Mentimos? Até uma onça sabe ser boa com a outra, tem o instinto de ser companheira. Por causa de amor, o padre diz que sou mau. Tinha vontades, desejava-a de querer arder em brasa, ou num lugar quente que não sabia onde era; podia ser aqui, alhures ou em lugar nenhum. Tinha a chaga aberta: gostava dela. E odiava os homens, aqueles. O cego e os outros.

O que ela guardava naqueles olhos (Olhos mapas, cheios de elevações, e labirintos, e hinos, e figuras, e mistérios, e homens e mapas, e chuvas e chuvas e chuvas e chuvas e chuvas) não era o sereno dos olhos bons, mas uma espécie de olhar molhado (e chuva e chuva e chuva) que deixava a quem mirasse neles meio zonzo (tonto — a rosa-dos-ventos girando, e os mapas transbordando de chuvas, as cartas voltando ao branco anterior à existência) fazia a gente perder o dom da vontade (Uma cobra pegando o sapo: ele vem, plaft, verdinho, plaft, do brejo, plaft, do capim molhado, plaft, plaft, confundido em cor com a vegetação, plaft, plaft, desenhando-se em verde aquarela, plaft, plaft, plaft, e o ímã chamando, plaft, plaft, a impossibilidade de retroceder, plaft, plaft, os meninos gritando para o sapo voltar, plaft, plaft, o caminho concretizando-se entre o brejo e o interior do réptil, plaft, plaft, coitadinha da rã, plaft, ou seria mesmo sapo? plaft, o fim inevitável. Nham!) A gente queria fugir e não olhar aqueles belos olhos leitosos — ímã lácteo (O sapo, de uma forma completamente abúlica, buscando a bocarra da serpente. O encanto daqueles olhos confundido com a ausência da lembrança do brejo e da verde vegetação rasteira. Onde o sapo? no brejo, diz o menino à Mãe. E a serpente?)

De vez em quando, conforme já disse ,aparecem uns meninos que olham pelas gretas da janela, jogam toletes, gritam coisas feias. Esperam ouvir meus xingos, correndo para o esconderijo



das bananeiras. Não ligo, finjo que nem existo. Entretanto, todos têm medo e só vêm em bando. Raramente, vêm. Ignoro os valdevinos, enquanto fico morrendo de amor por ela. Ainda hoje, depois de morta. Coração escolhe? Você acorda, sai para a rua (Quintal, varanda, lugar nenhum) e avista uma árvore (Cachorro, pedra, ave, louco, poste, lua), o coração diz: é aquela (Aquele). E é. É e será aquele (Aquele). Que é que se pode fazer? A gente desaba como uma lona de circo ou camisa que o vento tira do varal, vira um rio, correndo sempre numa direção, só indo, viagem sem volta. Os meninos, por fim, desistem. Então rio (e ela também ri e se esconde no labirinto das bananeiras, onde antes os fedelhos estavam).

Ela queria os homens maus. Me deixou nesta cama (Vive escondida no labirinto das bananeiras e os meninos não vêm mais). E ver aquele negro coveiro aqui todo sábado ... Ah, ele vem aos sábados me dar banho. Ainda bem que deixa de vir, quando lhe dá na telha. Não gosto de preto... aquele Cego! O Cego ficava com ela e eu via. Homem ruim, vivia de pedir esmolas. As moedas eram para Mãe. Tem noite que ouço o tilintar de moedas que o vento sopra das bananeiras, acho que ela brinca de contar. O Cego? sumiu, há tempos; o padre disse que o Cego Teófilo sumiu há tempos.

Sem contar com o padre, ninguém liga para mim. Muita gente disse que cadeia era o que estava faltando para pessoas de minha espécie. Estive para morrer, sem poder levantar e comer. Penso que urrei feito bicho, de sentir a garganta arder de sede, de raiva (ela indo embora, as malas, e uma aranha, duas aranhas, milhões de aranhas tecendo teias pelo teto, e as aranhas saíam pelas janelas e portas, ela indo embora, respirando talvez poeira de alguma estrada), me arranhando como se houvesse um gato lá, unhando, unhando. De cansaço dormia. Mas era os olhos se abrirem e ela, lá do fundinho, brotava bonita, com as malas na mão, indo embora. Aí a fome, a sede e a raiva passavam e me vinha um torpor, algo vivo e morto, mas não era uma parte viva e outra morta não, não era, tudo vinha ao mesmo tempo, como se eu fosse dois em um só.

Não sei como é que você me enxerga. Não, não precisa se desculpar... se pareço, sou. Todo mundo é assim. Falo a verdade, não se apoquente, foi bom você ter vindo. Todos, você e eu, e o mundo inteiro, temos dia e hora marcada para estarmos num lugar. É isso que move a gente, é isso que nos faz ir, mesmo sem saber. Ela tinha que existir aqui. E eu também. Você tinha de aparecer e veio. Por isso, sou. Somos. Ninguém pode parecer outro senão ele. Sim, eu sei, conheço a história do tesouro do mujique. Confirma o que digo.

Depois que parei de andar com o Cego Teófilo, fui cuidar da horta. Fiz grandes canteiros. Plantei taioba, repolho, couve, inhame, alho, almeirão, mandioca, batata doce... Aprendi a época certa da lua para que a plantação não morresse. Acompanhava o seu crescimento e decréscimo pela folhinha Mariana (na parede do quarto, onde o espelho de Mãe pendia. O pentear demorado. Bonita. E chuva e chuva e chuva. Umidade e saudade. Rima sem efeito ou objetivo estético). As coisas foram sendo guardadas pouco a pouco. Um ou outro me ensinava a semana em que se devia plantar o alho, o mês, e eu entendia. Até enxerto em roseiras inventei de descobrir (o jarro d'água e a rosa no lavatório. A folhinha Mariana ao lado do espelho. Dedinho que sangra: espinho, diz o menino à Mãe. E o susto? Desnecessária resposta: o espinho não é espinho). Consegui que uma roseira desse rosas amarelas, vermelhas e brancas. Experimentei e deu certo. Com o tempo, tive raiva até da horta e da sacha que eu manejava com tão grande habilidade. Ela recebia os homens. Ainda me vem o gosto amargo na boca. Cuspi, pouco adiantou, você viu? Parece estar cravado na garganta. Água não adianta, deixa para lá! Quando consigo esquecer, o gosto some. Como por encanto, volta. Já tentei imaginar uma porção de vezes coisas diferentes que me aconteceram vida afora, e nada vem sem que ela esteja atrás, mesmo que haja uma neblina espessa, rindo o riso meio às escondidas, fungando, quase.

Matar? Não, de jeito nenhum... Hum, quer dizer, pensei. Bobagem, pensei de mentirinha. Pensei, mas não quis... Dela eu não gostava. Minto, gostava... Você sabe, de um jeito assim... Era um gostar diferente, de um modo que não se diz (as coxas

de seda, lisas, roliças, firmes. Tão de repente, encantadoras. Ela saindo de um sonho entre folhas de bananeiras e cheiro de goiabas e de terra na pele. Seios rosados, mamas bonitas, eriçadas. E chuva e chuva. Umidade pura). Agora, matar, não consenti comigo. Nunca achei que fosse certo. De qualquer maneira, pensei. E muito. Um dia, estive a ponto de... Depois veio a vontade de chorar. Chorei engolindo os soluços, que era uma maneira que eu tinha. A raiva, contudo, foi dando lugar a uma saudade gris, então me lembrei de uma tarde distante que a tinha visto saindo da bacia e enrolando-se na toalha. Foi numa quarta-feira e chovia em Santa Maria. Ela brincava com os cabelos, cantarolando uns versos que inventava; mandou que eu fosse para a sala. A fechadura transbordou meus olhos como essência que perfumava o quarto. É, ela era má; tinha amores. Nunca gostei dela, você sabe. Matar? Não, são outros quinhentos (e chove e chove e chove).

Mesmo o padre, pensando bem, não sente nada por mim. Vem não é por compaixão ou piedade ou censura, vem por causa do ofício. Três dias depois da coisa, apareceu. Trouxe comida, quis entabular conversa, ouvir tudo, me confessar. Então briguei. Xinguei-lhe a mãe (cuidado com os sapos, menino, diz a Mãe, saindo da fumaça que cheira a goiaba vermelha), berrei imprecações diversas. Ele achou que eu estava doido e suportou tudo. É a obrigação dele, pobrezinho. No outro dia, voltou. Fiquei com dó e não fiz malcriações. Ele é bom, mas apesar disso, gostar de mim, eu sei, não gosta. Pouco me importo. Minha tristeza é que ela tenha ido embora (umidade e saudade. Interior: confuso, cheio de neblinas). Deixou o vestido estampado: o padre vem, põe sobre mim; pego a cheirar, cheirar e é a existência inteira que está naquele cheiro, é ela. Mulher bonita... Morreu, houve que um dia o coveiro contou. O preto. O preto coveiro é bobo. Quando faço assim, o padre só fala com os olhos. Vermelhos olhos; e as labaredas quase alcançam minha mão. O padre é bom por profissão...

A mim não importa que os meninos venham e joguem seus cacos de telha. Nem o coveiro, se viesse dar o banho todo dia, importunaria (a bacia numa quarta-feira de chuva em Santa

Maria). O padre também, se deixasse de aparecer... No fundo (e chove tanto) sou apenas a lembrança dela. Por que você veio? o padre mandou; está visto. Então sou obrigado a contar tudo. Todos somos assim: existe a impossibilidade de guardar os fantasmas de nossas recordações (ela, alvo espectro na luz cinérea, caminha sobre as folhas, dança na claridade momentânea do labirinto). Contar é... É!

Se o Padre deixasse de vir, se o coveiro não aparecesse ou viesse diariamente, se os moleques viessem e jogassem cacos de telha, mesmo se não houvesse cacos, ou tudo mudasse, de nada adiantaria. Não há solução para a sede do peixe, diz-se. Na verdade, não estou aqui e, o que é mais importante, eles não conseguem vir. Pois você pode notar, não estamos aqui, é evidente. A solução, contudo, é ainda necessária, mesmo quando o problema inexistente (o sapo inicia nova aventura: sair do brejo onde a vitória-régia bóia como enormes chapéus, adentrar o universo da vegetação rasteira, confundir-se com seu verde, procurar por aqueles olhos das quartas-feiras, onde os olhos? Buscar, na traqüilidade aparente do vegetal a cobra — explicação — necessária para a concretização do objetivo dos saltos que têm o mesmo matiz das ervas. Plaft, plaft, plaft, plaft, plaft...) o que digo não é literatura, entende? (e chove demais).

Quem traz a comida é o padre. Como pouco, a maior parte volta. E olhe que só vem o almoço. O padre aproveita e conta as novidades. Lá de fora, entretanto, nada me interessa. O que ele não aprova muito é o mau cheiro; abre as janelas e diz que vento e sol dão saúde. O padre. Você também acha ruim o cheiro, não é? Me diga, o que é que posso fazer? No sábado vem o negro José Hipólito, o coveiro, para me dar o banho. Por causa do Cego Teófilo tenho raiva dele. O cego era preto. O sego, ossego, oçego, sseco...

Cheguei da rua, a porta estava cerrada e só se ouvia o barulhinho do vento nas bananeiras (no labirinto, por essa época, vazio). Pelo sossego da casa pensei que ela não estava. Aliás, de manhã, tinha falado que ia sair e só voltar à noite. Você está pensando que eu tinha bebido? Não vi, nem tomei uma gota sequer de cachaça. O padre é quem, hoje em dia, traz um

golinho numa garrafa e só. Naquele tempo, ainda não tinha aprendido a beber. Para falar a verdade, só bebo porque o padre traz. E é pouco, viu? Entrei na sala e vi umas nesgas de roupas jogadas em cima da máquina de costura e um pacote de presentes na cadeira. Apenas um antigo daguerreótipo dela, na parede de cal, observava a quietude da sala adormecida. Uma coisa por dentro já tinha feito com que tudo o que ia me acontecer ficasse claro, certo. Algo assim como uma fumaça que vai ganhando formas e, por encanto, torna-se viva e palpável. Mas fugi de pensar, desviei a imaginação (começa a chuva mais fina e serena e chove e chove e chove ensopa as folhas de bananeira que os pezinhos nus amassam na carreira. Talvez no final da chuva haja arco-da-velha. Onde o menino? pergunta a Mãe. Desaparecendo no arco-íris, responde o sapo. E a cobra?) Entretanto, empurrei a porta do quarto, que estava apenas cerrada. Dois seios transbordavam na cama, subindo e descendo ao compasso lento da respiração cansada. Ela dormia nua, quase. Pelo cheiro soube quem tinha estado ali. Fora o Cego. Aquele. Veio a vontade irrefreável: bolinar. Decidi, porém, virar de costas e correr dali e sumir e nunca mais olhar atrás, mas estava era andando como um sonâmbulo na direção oposta... Me sujar no cheiro do Cego, foi um pensamento que não pude conter. Ainda naquele momento, seus olhos vazios me vieram à cabeça (os olhos outros chamando. O sapo: plaft, plaft, plaft. Quanto verde! O sapo no capim rasteiro, verde, que circunda o brejo. Onde a cobra? Na cama, diz a sombra do menino à fugaz imagem da Mãe que dorme. E a sombra da boca projeta-se sobre o sapo que é a sombra do menino... Suspense...) Aos poucos me punha de joelhos e a boca secava e surgia a gana de rir e gritar e a carne quente tinha o gosto doce. Penso nisso tantas vezes num só dia. É nessas horas que, de quando em quando, o corpo me dói... Então, pensei que tudo talvez fosse uma espécie de encantamento da morte... A carne quente e rosada. Aí as cortinas dos olhos dela se abriram e... E o resto todos sabem (e chove como jamais chovera. E chove).

Pode ser que ela já não seja o que foi aqui. Aí você me entende, não é? Tremo, você vê, como tremi desde as noites em

que comecei a vê-la, rindo à luz amarelada da lamparina. Gosto de escuro, aqui não tenho lamparina. O padre trouxe uma; joguei fora. Menti, disse que um menino me roubara. Trouxe outra; fiz o mesmo. Então ele disse que era para eu ficar no escuro (cessa a chuva por um segundo e o cheiro de goiabas e bananeiras invade o mundo da casa).